

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

MANIFESTAÇÕES LÚDICAS NA CERÂMICA DO GHARB AL-ANDALUS

Maria José Gonçalves¹, Susana Gómez Martínez², Jaquelina Covaneiro³, Isabel Cristina Fernandes⁴, Ana Sofia Gomes⁵, Isabel Inácio⁶, Marco Liberato⁷, Constança dos Santos⁸, Jacinta Bugalhão⁹, Helena Catarino¹⁰, Sandra Cavaco¹¹, Catarina Coelho¹² – Grupo de Estudo sobre Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus – CIGA (ciga.portugal@gmail.com) – Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

RESUMO

Malhas, marcas e “pedras” de jogo surgem com maior ou menor frequência no registo arqueológico, em suporte cerâmico. A sua forma, mais ou menos circular, não levanta grandes dúvidas quanto à associação a muitos dos jogos fruídos pelas classes populares no Garb al-Andalus. Mais raramente, surgem formas cerâmicas semelhantes às utilizadas no quotidiano das populações, mas de dimensão reduzida, tendo a sua interpretação funcional sido já objecto de estudos vários sem que, contudo, se estabilizasse a sua integração no mundo do lazer. Mais raramente ainda, surgem pequenos objectos coroplásticos, configurando sobretudo animais mas também figurações humanas, cuja associação a jogos e rituais diversos também tem sido aceite com reservas. Uma reflexão sobre estas problemáticas, e uma sistematização dos objectos cerâmicos que se poderão inscrever no mundo das manifestações lúdicas, é o objectivo do Grupo CIGA para este segundo congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Palavras-chave: Gharb al-Andalus, Lúdico, Pedra de jogo, Miniaturas, Objectos coroplásticos.

ABSTRACT

Ceramic disks and game pieces, in ceramic, appear with some frequency in the archaeological record. Their shape, more or less circular, do not raise much doubt as well as their association with many of the games enjoyed by the popular classes in the Gharb al-Andalus. More rarely, other ceramic forms of reduced size appear. Their functional interpretation has been subject of several studies without agreement on their integration into the world of leisure. Even more rarely do small coroplastic objects arise, configuring mainly animals but also human figures. Until now, its association with games and rituals has not been consensual among researchers. The objective of the CIGA Group for this second Congress of the Association of Portuguese Archaeologists is a reflection on these issues, and a systematization of the ceramic objects that can be included in the world of ludic manifestations.

Keywords: Gharb al-Andalus, Ludic, Play disks, Miniature, Coroplastic objects.

1. Câmara Municipal de Silves; maria.goncalves@cm-silves.pt
2. Campo Arqueológico de Mértola; Universidade do Algarve; susanagomez@sapo.pt
3. Câmara Municipal de Tavira; jaquelinacovaneiro@hotmail.com
4. Museu Municipal de Palmela; isacrisff@gmail.com
5. Direcção-Geral do Património Cultural; agomes@dgpc.pt
6. Direcção-Geral do Património Cultural; isabelminacio@gmail.com
7. Bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia; marcoliberato@hotmail.com
8. Arqueóloga; constancavs@gmail.com
9. Direcção-Geral do Património Cultural; jacintabugalhao@gmail.com
10. Universidade de Coimbra; hcatarino@fl.uc.pt
11. Câmara Municipal de Tavira; scavaco@hotmail.com
12. Direcção-Geral do Património Cultural; catgcoelho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO – O JOGO NO ISLÃO

Embora este artigo incida sobre uma compilação de objectos que, de uma forma ou outra, foram relacionados com funções lúdicas, não podemos deixar de fazer algumas reflexões sobre o conceito e o significado do jogo numa perspectiva alargada histórico-cultural, se bem que esta tarefa se revista de complexidade e controvérsia.

Já Johan Huizinga, em 1938, iniciava o *Homo Ludens* com a afirmação de que todo o jogo significa alguma coisa (Huizinga, 2000) e alertava para a sua importância como manifestação cultural e para a complexa relação do jogo com a identidade de grupo, a festa, o ritual e o sagrado. Sendo assim, nem sempre é claro que deva ser incluído apenas dentro do estrito âmbito “lúdico” e que deva ser enquadrado, por exemplo, na esfera da competição, da expressão musical, do espectáculo ou da função didáctica de apreensão do papel que cada indivíduo desempenha na sociedade. De facto, o verbo latino *lūdō* podia significar jogar, divertir-se, passar o tempo, exercitar-se, representar, cantar ou recitar, em função do contexto em que era usado.

Para o período medieval, alguns autores preferem circunscrever o lúdico apenas aos jogos de azar, aos intelectuais e aos desportivos, excluindo outras formas de “diversão” e “entretenimento” como a música e o teatro (Mehl, 2003, JUEGO).

No caso específico do Islão, quando se fala do jogo, costumam ser citados os versículos 90-91 da Surata *al-Māida* do Alcorão:

90. “Ó crentes, as bebidas inebriantes, os jogos de azar, (o culto aos) altares de pedra, e as adivinhações com setas, são manobras abomináveis de Satanás. Evitai-as, pois, para que prospereis.

91. Satanás só ambiciona infundir-vos a inimizade e o rancor, mediante as bebidas inebriantes e os jogos de azar, bem como afastar-vos da recordação de Allah e da oração. Não desistireis, diante disto?” (Alcorão, 2010, 5:90-91).

A palavra árabe usada nesta surata para expressar jogos de azar é *maysir* (CORAN, 1986: 5:90), que se refere a um jogo específico da arábia pré-islâmica. O facto de a sua proibição estar associada, no mesmo versículo, ao culto aos altares e à adivinhação com setas é, segundo T. Fahd, um sinal claro do carácter mágico e sacrílego que se dá ao jogo, condenado pela sua ligação a cultos pagãos (Enciclopedie, 1991, ‘MAYSIR’).

Em boa parte, a aversão do Islão aos jogos de azar também se prende com o ilícito de obter um benefício económico ilegal ou gratuito, sem esforço, fundamento semelhante para a condenação da usura e do roubo. Assim, Rosenthal distingue entre *ķimār*, jogos de azar que implicam dinheiro e, portanto, estritamente proibidos pelo direito muçulmano, mas nem por isso menos praticados e sujeitos a uma controversa jurisprudência (Encyclopedie, 1986, ‘ĶIMĀR’), e *la’ib*, termo mais genérico que lhe serve para debruçar-se sobre os jogos infantis, mesmo reconhecendo que não existia uma demarcação entre estes e os dos adultos, mas que seriam mais permissíveis entre as crianças como meio de aligeirar os rigores da educação e de os iniciar em aptidões mais sérias (Encyclopedie, 1986, ‘LA’IB’).

Num âmbito de análise mais sociológico, cabe fazer também um alerta sobre a diferença entre o conceito de *criança* no islão medieval e na actualidade. Os autores do Islão Clássico dedicaram importantes reflexões à infância, tanto do ponto de vista pediátrico como da sua educação, que são frequentemente atribuídas a influências helénicas e helenísticas (Gil’adi, 1992, Gutiérrez e Pernil, 2004). Uma das ideias implícitas nestes textos é a importância do exemplo dos pais para a formação do carácter do futuro adulto e para o relacionamento com outras crianças, na aprendizagem dos papéis que cada um deve desempenhar na sociedade. Deve ser neste contexto, de preparar o pequeno para a sua vida adulta e de exercitar as suas capacidades cognitivas e sociais, que devemos considerar o jogo infantil.

O jogo, tanto de adultos como de crianças, pode ser considerado, deste modo, como fazendo parte de rituais quotidianos de quem procura a fortuna nos dados ou nos jogos de tabuleiro, ou de rituais de iniciação na vida adulta das crianças que assim aprendiam o papel e os gestos que lhe seriam próprios (Gómez Martínez, 2011, 43).

2. MALHAS, MARCAS, “PEDRAS” DE JOGO E JOGOS DE TABULEIRO

É comum, em sítios arqueológicos de diversos períodos, encontrar fragmentos de cerâmica recortados habitualmente em forma de disco mas, por vezes, também em forma de losango ou de pétala. Considerados objectos menores no estudo da cerâmica, mereceram pouca atenção também entre os estudos de cerâmica islâmica.

Com dimensões entre 1 e 6 centímetros, caberia dis-

tinguir entre as formas mais pequenas que poderiam servir de pedras de jogo, e as maiores de 5 centímetros que poderiam ser utilizadas como malhas ou, inclusive, como tampas para jarras e panelas.

As pedras de jogo serviram como marcas em jogos de tabuleiro, normalmente gravados em pedra. Poderiam também ser inscritos em outros suportes cerâmicos como tijolos ou telhas, ou no caso do tabuleiro de Alquerque do 3 registado num fragmento de ânfora romana e que, embora de cronologia indeterminada, foi recolhido em contexto de época islâmica na Rua dos Correiros, em Lisboa (Fernandes, 2013, 145, n.º 23), ainda que não tenhamos conhecimento de qualquer caso do período islâmico.

Embora sejam frequentes as pedras de jogo em cerâmica, qualquer pedrinha poderia servir para essa função. De facto, conhecemos pedras de jogo feitas em pedra como, por exemplo, o conjunto de 9 pedras de jogo recortadas a partir de pequenas lajes de xisto cinzento encontradas no tanque da casa IX do Bairro almóada da Alcáçova de Mértola, junto das quais também apareceram outras duas talhadas a partir de fragmentos de cerâmica branca, sugerindo fazer parte dum mesmo conjunto (Gómez Martínez, 2014, 171).

São muito numerosos os exemplos medievais de tabuleiros de jogo gravados sobre diversos suportes de pedra, incluindo paramentos verticais, em toda a Península Ibérica (Larrén, 2009). Pertence ao Castelo Velho de Alcoutim o maior conjunto e a maior variedade de jogos de tabuleiro de época islâmica provenientes de um único sítio arqueológico. Gravados por incisão em lajes de xisto, estes tabuleiros pertencem a seis tipologias diferentes: Alquerque, Tábua, Moinho ou Trilha, Tapatan ou Galo, Mancala e Soldado (Catarino, Dias e Teixeira, 2007, 655; Catarino, Teixeira e Dias, 2011). Algumas das pedras poderiam estar associadas ao Jogo do Xadrez, no entanto, este era um jogo aristocrático, pouco difundido entre os grupos menos favorecidos da sociedade.

Ainda no que diz respeito às pedras de jogo de forma cilíndrica, foi esboçada a hipótese de que algumas delas substituíssem moedas. Realizaram-se comparações entre alguns exemplares de pedras e moedas do mesmo período, mas sem qualquer conclusão definitiva. Apenas o estudo de grandes séries de umas e de outras permitiria obter conclusões definitivas (Gómez Martínez, 2014, 171).

Algumas “pedras” de maiores dimensões podem ser relacionadas com o jogo da malha ou jogo do chi-

to, um exercício de habilidade em que, basicamente, um disco plano, a “malha”, é lançada sobre um cilindro de madeira, o chito, a uma distância determinada, num terreno plano e livre de obstáculos (Martínez Gámez, 1995; Cabral, 1998, 41-42). Enquanto os jogos de tabuleiro se podem enquadrar nos jogos intelectuais, os jogos de malha e de terreiro terão melhor enquadramento no âmbito dos jogos de habilidade e de exercício físico. Muito difundidos pelo território peninsular, vários autores atribuem-lhes uma origem romana, sem revelarem a fonte que justifica esta afirmação, e alguns também os relacionam com desportos praticados na Antiguidade Grega, nomeadamente, o lançamento de disco.

3. MINIATURAS

Contamos com um conjunto considerável de peças de tamanho reduzido que têm vindo a ser consideradas por vários autores como brinquedos (Marineto, 2006; Flores *et alii*, 2006). Replicam formas conhecidas na sua dimensão utilitária, recorrendo a muitos dos acabamentos de superfícies usados em objectos de função doméstica (aguadas, engobe e vidrado), tal como a muitas das suas técnicas ornamentais, sobretudo a pintura, as caneluras e as linhas incisivas e, mais raramente, os traços de manganês. No Gharb al-Andalus, não se verificam recursos ornamentais de maior complexidade de materialização, no entanto, exemplares da Andaluzia Oriental apresentam decorações vidradas complexas (Flores, 2006).

Purificação Marineto (1995 e 2006) deu a conhecer a mais completa colecção de réplicas de vasilhame doméstico, designando-as com o nome popular de *cacharritos* e considerando-as objectos lúdicos para as brincadeiras das meninas abastadas da cidade palatina de Alhambra. Cláudio Torres rebate a interpretação destas miniaturas como simples brinquedos, argumentando que o jogo dos meninos e a própria noção de criança devem ser interpretados no contexto medieval e não em função do conceito contemporâneo de infância. O jogo do “pequeno adulto”, revestido de capacidades mágicas e poderes profilácticos, nunca poderia ser considerado uma banal brincadeira (Torres, 2004, 3-4). Mais recentemente, Isabel Flores Escobosa e Guillermo Rosselló-Bordoy comissariaram a exposição *Del Rito al Juego*, onde se voltou a insistir no valor salutar dos brinquedos e na importância do jogo no processo de adestramento,

aprendizagem e assimilação da realidade, ou ainda na interacção com o meio (Peral e López, 2006, 114). Porém, alguns autores têm equacionado a possibilidade de que se trate de protótipos ou amostras, mais fáceis de transportar no comércio de longo curso, que servissem ao almocreve para planificar futuras vendas. Esse seria o motivo da elevada semelhança técnica e da qualidade de execução da maioria destas peças, equiparável aos congêneres de dimensões “normais” (Malpica, 2003). O facto, precisamente, de se tratar sempre de peças de primoroso fabrico a torno rápido, tem levado a considerar que, numa primeira análise, são demonstrações de perícia dos oleiros, independentemente do uso que os objectos pudessem assumir posteriormente (Gómez Martínez, 2011, 61 e 2014, 169).

Acreditamos que, apesar da sua pequena dimensão, alguns objectos tiveram função utilitária. Recipientes com maior capacidade podem ter sido utilizados para conter produtos raros e concentrados, como especiarias, essências e condimentos exóticos. Um exemplo é a pequena garrafa encontrada na zona dos Banhos da Alcáçova de Silves que ainda conserva a tampa metálica (fig. 16 do catálogo) (Gomes, 2003, 293 e 297). Assim, a inclusão de pequenos púcaros, potes e garrafas na categoria de objectos lúdicos deve ter sempre em consideração, não apenas as dimensões mas outras informações como os seus contextos de proveniência e eventuais marcas de uso. Estas dúvidas não se colocam quando a miniatura não pode definitivamente assegurar as mesmas funções dos seus congêneres utilitários, como por exemplo a panela de Silves (fig. 14 do catálogo) (Gomes, 2003, 317, 321) ou a base de talha de Mértola, na qual o bico, não estando furado, perde a função que possui no objecto original (fig. 25 do catálogo) (Palma e Gómez, 2009, 711).

A quantidade destas miniaturas em Silves (cidade onde surgem de forma recorrente) é assinalável, não havendo distinção entre a hierarquia espacial da cidade (alcáçova, almedina e arrabaldes). Esta mesma observação pode ser feita para Mértola onde, como em Silves, a maioria dos contextos é de natureza habitacional.

4. OBJECTOS COROPLÁSTICOS

Torres Balbás, em 1956, assinalava a existência de quadrúpedes de barro cozido em Córdoba, Almeria e Granada. Alguns deles eram interpretados como

apitos mas, no geral, relacionava estes objectos com brinquedos e citava um tratado de *hisba* de *Ibn Rusd*, avô de Averroes, que criticava o costume de fabricar brinquedos em forma de animais no contexto da celebração do ano novo. Também Al-‘Uqbani assinalava em Tlemcem o mesmo costume, que considerava de origem cristã.

Não conhecemos, no Gharb, exemplares que possam ser considerados como apitos ou assobios, objectos de forte carácter apotropaico que espantavam os maus espíritos (Rosselló, 2006, 24 e 43).

A maior parte destes objectos coroplásticos consiste em fragmentos de figuras incompletas que parecem corresponder a apêndices de vasilhas (vasos, aguamanis e talhas) com os quais partilham técnicas de acabamento e decoração e onde estariam ligados a funções profiláticas e rituais de purificação (Torres *et alii*, 1996). O exemplo mais destacado é, sem dúvida, o muito conhecido Vaso de Tavira, a cujas figuras se atribuiu um carácter apotropaico e simbólico que foi amplamente argumentado (Maia, 2004; Torres, 2004; Paulo, 2007).

Realmente, não temos exemplos de figuras que, com toda a certeza, tenham sido concebidas como autónomas e, portanto, que não possam ser enquadradas neste grupo de aplicações plásticas de outros objectos. No entanto, consideramos tal como outros autores (Torres *et alii*, 1996) que, uma vez separados dos objectos aos que pertenciam originalmente, estas figuras possam ter sido conservadas quer pelo seu valor lúdico, quer pelo seu valor simbólico de amuletos.

5. OBJECTOS MUSICAIS

Neste artigo recolhemos alguns tamborins de cerâmica, que pela sua similitude com as *darbukas* que ainda se tocam por todo o território africano, não deixam lugar a dúvida de qual seria a sua função.

Temos outros testemunhos de instrumentos musicais encontrados em contexto arqueológico no Gharb al-Andalus. Um exemplo iconográfico é o adufe, que vemos representado no Vaso de Tavira, utilizado como o fazem hoje as adufeiras da Beira. Mais duvidoso é o instrumento que, neste mesmo vaso algarvio, toca um segundo músico: talvez um pequeno tambor, ou um instrumento de sopro. Muitas reservas levantam, também, alguns objectos de osso trabalhado (Moreno-Garcia e Pimenta, 2006), que inicialmente foram considerados flautas, mas que parecem corresponder a partes de instru-

mentos mais complexos, semelhantes à gaita-de-foles, dos quais não se conservariam os elementos fabricados com materiais orgânicos perecíveis (Gómez Martínez, 2011, 42).

A música, o som e a dança sempre foram imprescindíveis em todos os rituais de passagem. Eram eficazes para afugentar demónios e perigos (Rosselló, 2006). É neste contexto, e não no de um banal entretenimento, que devemos entender os poucos instrumentos musicais encontrados nas escavações arqueológicas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de sistematização foi realizado sobre quatro conjuntos específicos de objetos cerâmicos relacionados com o lazer, independentemente do seu carácter social e etário.

Se para as comuns malhas, marcas, “pedras” de jogo e para alguns instrumentos musicais não existirão dúvidas quanto à sua integração na categoria de artefactos lúdicos, o mesmo não acontece com as denominadas miniaturas e objectos coroplásticos.

Efetivamente, nestes casos específicos a fronteira entre o lúdico e o funcional é muito ténue.

Algumas miniaturas poderão não ter função lúdica, mas sim tratar-se de reproduções cerâmicas de recipientes produzidos originalmente em outros suportes, como parece ser o caso específico de unguentários e perfumadores geralmente produzidos em vidro ou metal, fenómeno que recebe o nome de esqueomorfismo.

Existem por outro lado, recipientes de uso de mesa de dimensões mais reduzidas do que as habituais que não poderão ser considerados miniaturas de âmbito lúdico, mas sim artefactos do quotidiano, com função idêntica aos de maiores dimensões, eventualmente destinados ao uso por crianças ou, mesmo, de atribuição utilitária distinta das suas funções habituais.

Da amostra tida em consideração, verifica-se que são efetivamente miniaturas os recipientes cuja dimensão não permite qualquer função utilitária, mas que reproduzem, de modo fidedigno, congêneres existentes nas dimensões convencionais.

Outros exemplos há que ostentam reduzidas dimensões, mas em que é este o seu formato próprio, não tendo correspondência com formas de tamanho maior, como por exemplo os tinteiros (fig. 21 do catálogo).

Do mesmo modo, é ténue a fronteira entre o lúdico e o simbólico/profilático especialmente no que diz respeito às figuras coroplásticas e a alguns instrumentos musicais, cuja representação, no presente caso, se encontra associada a recipientes de cerâmica compósitos.

Presente em todas as sociedades, e apesar da complexidade em definir fronteiras entre o lúdico, o funcional e o simbólico/profilático, o objecto lúdico, independentemente da sua forma ou tipologia, é inerente ao homem, possuindo, para além da sua inegável função lúdica e de divertimento, uma relevante função cultural, educacional e ritual, enquanto veículo de socialização e aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

ALCORÃO (2010) – *Alcorão Sagrado*. Tradução de Prof. Samir EL HAYEK. Oeiras: AD ASTRA ET ULTRA, 2010. ISBN 978-989-682-015-2.

CABRAL, António (1998) – *Jogos populares portugueses de jovens e adultos*. Lisboa: Editorial Notícias. ISBN 972 46 0924 3.

CATARINO, Helena (1997/98) – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica – povoamento e recintos fortificados*. In *Al-'Uliã*, nº 6, 3 vols, Loulé.

CATARINO, Helena; DIAS, Fernando e TEIXEIRA, Manuela (2007) – Coleção de tabuleiros de jogos do Castelo Velho de Alcoutim (Alcoutim, Algarve). *Vipasca Arqueologia e História* [CD-ROM]. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel n.º 2. 2.ª série. pp. 654-657.

CATARINO, Helena, TEIXEIRA, Manuela e DIAS, Fernando (2011) – *Tabuleiros de Jogos do Castelo Velho de Alcoutim. Guia da Exposição Jogos Intemporais*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.

CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaquelina (2016) – *Trabalhos arqueológicos no Claustro do Convento de Nossa Senhora da Graça (2002). Relatório Final. Parte II. Análise dos Materiais Cerâmicos*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira. Estampa XXVI, peça 234.

CAVACO, Sandra (2011) – *O arrabalde da Bela Fria: contributos para o estudo da Tavira islâmica*. Dissertação de mestrado em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade do Algarve. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/3109>. pp. xxxix-xl, peça 314.

CORÁN (1986) – *El Corán*. Edición preparada por Julio Cortés. Barcelona: Editorial Heder. ISBN 978-84-254-1570-8. 779 P.

ENCYCLOPÉDIE (1986) – *Encyclopédie du Islam*. Nouvelle édition, Tomo V. Leiden. E. J. Brill. ISBN 90 04 07820 7.

- ENCYCLOPÉDIE (1991) – *Encyclopédie du Islam*. Nouvelle édition, Tomo VI. Leiden. E. J. Brill. ISBN 90 04 08113 5.
- FERNANDES, Lúcia (2013) – *Tabuleiros de Jogo Inscritos na Pedra – um Roteiro Lúdico Português*. Lisboa: Ed. Apenas, 321 p. ISBN 978-989-618-411-7.
- FLORES ESCOBOSA, Isabel (dir.) (2006) – *Del rito al juego. Juguetes y silbatos de cerámica desde el Islam hasta la actualidad. Diciembre 2006 – Febrero 2007*. Museo de Almería. Catálogo de la exposición. Almería: Junta de Andalucía. Consejería de Cultura. ISBN 84-8266-650-9.
- FLORES ESCOBOSA, Isabel et alii, (2006) – Juguetes, silbatos e instrumentos musicales en tierras almerienses. In *Del rito al juego. Juguetes y silbatos de cerámica desde el Islam hasta la actualidad. Diciembre 2006 – Febrero 2007*. Museo de Almería. Catálogo de la exposición. Almería: Junta de Andalucía. Consejería de Cultura. ISBN 84-8266-650-9. pp. 51-71.
- GARCIA, Cristina Tété (2015) – *Cacela-a-Velha no contexto da Actividade Marítima e do Povoamento Rural do Sudoeste Peninsular nos séculos XII-XIV*. Tese de doutoramento. Universidade de Huelva. pp. 305.
- GIL'ADI, Avner (1992) – *Children of Islam. Concepts of Childhood in Medieval Muslim Society*. London: Palgrave Macmillan; 1992. ISBN 978-033355989.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2001) – *Palácio Almóada da Alcáçova de Silves* – Catálogo de Exposição, Museu Nacional de Arqueologia / Câmara Municipal de Silves.
- GOMES, Rosa Varela (2003) – *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: a Alcáçova*. *Trabalhos de Arqueologia* nº 35. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2011) – *Os Signos do Quotidiano: Gestos, Marcas e Símbolos no al-Ándalus*. *Catálogo da Exposição*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 978-972-9375-34-7.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2014) – *Cerâmica Islâmica de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN: 978-972-9375-40-8. 423 p.
- GONÇALVES, Maria José; KHAWLI, Abdallah (2004) – Um lote de Cerâmica Estampilhada de um Arrabalde Islâmico de Silves. In *Actas do IV Congresso Peninsular de Arqueologia*, pp.175-192.
- GONÇALVES, Maria José; PIRES, Alexandra; MENDONÇA, Carolina (2008) – Utensílios do quotidiano de um arrabalde islâmico de Silves: análise preliminar da louça de cozinha. In *Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve – XELB* 9, vol. II. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 695-706.
- GONÇALVES, Maria José et alii (2016) – Coisas raras na cerâmica do Gharb al-Andalus. In *Actas do Encontro Internacional “Encontros com a História”, Mértola 16 a 18 de Junho de 2016* (no prelo).
- GUTIÉRREZ GUTIÉRREZ, Aurora; PERNIL ALARCÓN, Paloma (2004) – *Historia de la infancia. itinerarios educativos*. Madrid: UNED. ISBN 978-84-362-6649-8.
- HUIZINGA, Johan (2000) – *Homo ludens*. [em linha]. Tradução brasileira de João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2000. [Consult. 28-6-2017]. Título original: *Homo Ludens – vom Unprung der Kultur im Spiel*. Disponível em WWW: <http://jnsilva.ludicum.org/Huizinga_HomoLudens.pdf>.
- LARRÉN IZQUIERDO, Hortensia (2009) – Juegos de alquerque y arquitectura medieval. In *Alfonso X el Sabio [exposición] Sala San Esteban*. pp. 608-611.
- LUZIA, Isabel (2015) – Antes do Mercado. In *Al-‘Ulyà Loulé: Arquivo Histórico Municipal / Câmara Municipal de Loulé*. Nº 15, pp. 49-75.
- MAIA, Maria Garcia Pereira (2004) – O Vaso de Tavira e o seu contexto. In *Portugal, Espanha e Marrocos. O Mediterrâneo e o Atlântico. Actas do Coloquio Internacional Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 2, 3 e 4 de Novembro de 2000*. Faro: Universidade do Algarve, 2004. ISBN 972-95685-6-1. pp. 143-166.
- MALPICA CUELLO, Antonio (2003) – Miniaturas de cerâmicas nazaríes em Granada. In *Cerâmicas islâmicas y cristianas a finales de la Edad Media. Influencias e intercambios. Ceuta, 13-16 noviembre, 2002*. Ceuta: Museo de Ceuta. ISBN 84-87148-43-3. pp. 249-275.
- MARINETO SÁNCHEZ, Purificación (2006) – Juegos y distracciones de los niños en la ciudad palatina de la Alhambra. In *Del rito al juego. Juguetes y silbatos de cerámica desde el Islam hasta la actualidad. Diciembre 2006 – Febrero 2007*. Museo de Almería. Catálogo de la exposición. Almería: Junta de Andalucía. Consejería de Cultura. ISBN 84-8266-650-9. pp. 73-92.
- MARTÍNEZ GÁMEZ, Manuel (1995) – *Educación del ocio y tiempo libre con actividades físicas alternativas*. Madrid: Librerías Deportivas Esteban Sanz. ISBN 84/8597/59/9-9
- MEHL, Jean Michel (2003) – Juego. In LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (eds.) – *Diccionario razonado del Occidente medieval*. Madrid: Akal, 2003.
- MORENO-GARCÍA, Marta, PIMENTA, Carlos (2006) – Música através dos ossos?... Propostas para o reconhecimento de instrumentos musicais no al-Ándalus. In *Al-Ándalus. Espaço de mudança. Balanço de 25 Anos de História e Arqueologia Medievais*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-26-7.
- PALMA, Mª Fátima; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2010) – Níveis Islâmicos da Biblioteca Municipal de Mértola. In *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Aracena, 27, 28 y 29 de noviembre de 2008*. ISBN 978-84-92679-59-1. pp. 1290-1315. Huelva: Universidad de Huelva.

PAULO, Luís Campos (2007) – O simbolismo da purificação. O “Vaso de Tavira”: iconografia e interpretação. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 10. n.º 1 (2007) pp. 289-316.

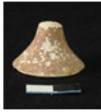
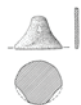



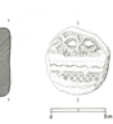


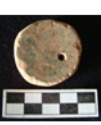









PERAL BEJARANO, Carmen e LÓPEZ CHAMIZO, Sonia (2006) – Aproximación al juguete en su contexto arqueológico en Málaga. In *Del rito al juego. Juguetes y silbatos de cerámica desde el Islam hasta la actualidad. Diciembre 2006 – Febrero 2007. Museo de Almería. Catálogo de la exposición*. Almería: Junta de Andalucía. Consejería de Cultura. ISBN 84-8266-650-9. pp. 111-131.

ROSSELLÓ-BORDOY, Guillermo (2006) – El largo camino de una investigación. In *Del rito al juego. Juguetes y silbatos de cerámica desde el Islam hasta la actualidad. Diciembre 2006 – Febrero 2007. Museo de Almería. Catálogo de la exposición*. Almería: Junta de Andalucía. Consejería de Cultura. ISBN 84-8266-650-9. pp. 13-47.

TORRES, Cláudio (2004) – *O Vaso de Tavira, Uma proposta de interpretação*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

TORRES, Cláudio *et alii* (1996) – Técnicas e utensílios de conservação dos alimentos na Mértola islâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 0872-2250. Nº 4 (1996) pp. 203-218.

TORRES BALBÁS, Leopoldo (1956) – Animales de juguete. *Al-Andalus*. Madrid – Granada. Vol. XXI. pp. 373-375.

- 1   **Designação:** Marca de jogo
Proveniência: Alcáçova de Silves
Dimensões: Altura 2,2cm; diâmetro 2,9cm;
Acabamento: Restos de vidrado
Cronologia: Século XIII
Bibliografia: Gomes e Gomes, 2001: 122; Gomes, 2003:219, 220
- 2   **Designação:** Marca de jogo
Proveniência: Alcáçova de Silves
Dimensões: Altura 2,2cm; diâmetro 2,2cm
Decoração: Restos de pintura branca
Cronologia: Século XIII
Bibliografia: Gomes e Gomes, 2001: 122; Gomes, 2003: 326, 327
- 3   **Designação:** Malha
Proveniência: Silves - Arrabalde Oriental
Contexto: Superfície
Dimensões: Diâmetro: 0,56cm
Decoração: Estampilhagem
Cronologia: Século XII-XIII
Bibliografia: Gonçalves e Khawli, 2004:191
- 4   **Designação:** Marca de jogo
Proveniência: Silves - Arrabalde Oriental
Contexto: Lixeira
Dimensões: Diâmetro: 0,41cm
Decoração: Corda Seca Total
Cronologia: Século XII (?)
Bibliografia: Inédito
- 5   **Designação:** Marca de jogo
Proveniência: Silves - Arrabalde Oriental
Contexto: Indeterminado
Dimensões: Diâmetro: 0,37cm
Acabamento: Vidrado verde
Cronologia: Islâmica indeterminada
Bibliografia: Inédito
- 6   **Designação:** Malha
Proveniência: Silves - Arrabalde Oriental
Contexto: Aterro sob piso habitação
Dimensões: Diâmetro: 0,62cm
Decoração: Melado e Manganês
Cronologia: Século XII
Bibliografia: Inédito
- 7   **Designação:** Marca de jogo
Proveniência: Claustro do Convento da Graça - Tavira
Contexto: Nível de abandono/aterro das estruturas
Dimensões: alt. 23mm, Ø 30mm, esp. 6mm
Cronologia: 2ª metade do séc. XII - 1ª metade do séc. XIII
Bibliografia: Cavaco e Covaneiro, 2016: peça 387
- 8   **Designação:** Marca de jogo
Proveniência: Claustro do Convento da Graça - Tavira
Contexto: Muro - estrutura n.º 93
Dimensões: larg. 14mm, comp. 33mm, esp. 5mm
Cronologia: 2ª metade do séc. XII - 1ª metade do séc. XIII
Bibliografia: Cavaco e Covaneiro, 2016: peça 318
- 9   **Designação:** Marca de jogo
Proveniência: Arrabalde da Bela Fria - Tavira
Contexto: Nível de abandono/aterro das estruturas do arrabalde
Dimensões: Larg. 18mm, comp. 33mm, esp. 6mm
Cronologia: 1ª metade do séc. XIII
Bibliografia: Cavaco, 2011: peça 314



Designação: Jarra
Proveniência: Loulé - Novo Mercado
Dimensões: 6,5cm x 9,1cm
Tecnologia:
Pasta: Beije
Cozedura: Oxidante
ENP: Pouco abundantes e finos
Morfologia: **Bordo:** Vertical
Lábio: Semicircular
Corpo: Globular
Base: Anelar
Asas: Duas dispostas verticalmente
Decoração: Corda seca parcial
Cronologia: Séculos XI-XII
Depósito: MNA. 17084
Bibliografia: Luzia, 2015, 71, Fig 29



Designação: Jarra
Proveniência: Área Urbana de Silves
Dimensões: Altura 8,5cm; diâmetro bordo 5cm; diâmetro corpo 7,6cm; Espessura 0,3cm
Tecnologia:
Pasta: Beije
Cozedura: Oxidante
ENP: Pouco abundantes e finos
Morfologia: **Bordo:** Vertical
Lábio: Semicircular
Corpo: Globular
Base: Anelar
Asas: Duas dispostas verticalmente
Cronologia: Séculos XII-XIII
Bibliografia: Gomes e Gomes, 2001: 124,125



Designação: Jarra
Proveniência: Silves - Arrabalde Oriental
Contexto: Associado a derrube de casa
Dimensões: Altura 8,4cm; diâmetro corpo 7,4cm; diâmetro bordo 5,8cm diâmetro base 3,6cm
Tecnologia:
Pasta: Laranja
Cozedura: Oxidante
ENP: Grão fino a médio
Acabamento: Engobe laranja
Morfologia: **Bordo:** Vertical
Lábio: Arredondado
Corpo: Globular
Base: Convexa
Pé: Anelar
Asas: Duas verticais
Decoração: Caneluras no corpo; pintura branca no bordo, bandas paralelas dispostas horizontalmente
Cronologia: Séculos XII-XIII
Bibliografia: Inédito



Designação: Bule
Proveniência: Área Urbana de Silves
Dimensões: Altura 7,5cm; diâmetro corpo 10cm; diâmetro base 6,5cm, espessura 0,3cm
Tecnologia:
Pasta: Rosada
Cozedura: Oxidante
ENP: Abundantes de grão médio a fino
Morfologia: **Bordo:** Vertical
Lábio: Semicircular
Corpo: Globular
Asas: Uma disposta verticalmente
Decoração: Pingos vidrados de cor castanha sobre o corpo
Cronologia: Séculos XII-XIII
Bibliografia: Gomes e Gomes, 2001: 125



Designação: Panela
Proveniência: Alcáçova de Silves
Dimensões: Altura 3,7cm; diâmetro do bordo 5,5cm; diâmetro corpo 6,6cm; diâmetro base 6,1cm; espessura 0,4cm
Tecnologia:
Pasta: Laranja
Cozedura: Oxidante
ENP: Abundantes de grão fino a médio
Acabamento: Aguada de cor negra
Morfologia:
Bordo: Introvertido
Lábio: Perfil subrectangular
Corpo: Troncocilíndrico com carena alta
Fundo: Plano
Asas: Duas dispostas verticalmente
Decoração: Pintura branca, linhas paralelas dispostas horizontalmente
Cronologia: Século XIII
Bibliografia: Gomes e Gomes, 2001: 124, 126; Gomes, 2003: 317, 321



Designação: Taça
Proveniência: Alcáçova de Silves
Dimensões: Altura 4,5cm; diâmetro bordo 8,5cm; diâmetro base 4cm; espessura 0,5cm
Tecnologia:
Pasta: Beije
Cozedura: Oxidante
ENP: Muito finos
Acabamento: Vidrado de cor branca
Morfologia:
Bordo: Secção semicircular
Corpo: Hemisférico
Base: Plana
Pé: Anelar
Decoração: Restos de cor dourada
Cronologia: Séculos XII-XIII
Bibliografia: Gomes, 2003: 221, 222



Designação: Ânfora
Proveniência: Alcáçova de Silves
Contexto: Zona dos banhos de casa palatina
Dimensões: Altura 7,7cm; diâmetro bordo 3,7cm; diâmetro corpo 8,8cm; diâmetro base 4; espessura 0,4cm
Tecnologia:
Pasta: Beije clara
Cozedura: Oxidante
ENP: Abundantes de grão finíssimo
Morfologia:
Bordo: Extrovertido
Lábio: Sessão semicircular
Corpo: Ovoide
Base: Não conserva
Decoração: Caneluras horizontais
Cronologia: Século XIII
Bibliografia: Gomes e Gomes, 2001: 92; Gomes, 2003: 293, 297
Observações: Conserva parte da tampa, presa ao corpo por arame de chumbo. **Provável função utilitária.**



Designação: Candeia
Proveniência: Almedina de Silves
Contexto: Interior de silo
Dimensões: Altura 1,6cm; diâmetro 4,6cm; diâmetro de base 3,4cm; espessura 0,2cm
Tecnologia:
Pasta: Laranja
Cozedura: Oxidante
ENP: Abundantes de grão médio
Morfologia:
Bordo: Extrovertido e trilobado
Lábio: Perfil semicircular
Corpo: Cilíndrico
Base: Plana
Cronologia: Séculos XII-XIII
Bibliografia: Gomes, 2001: 124, 126

20



Designação: Pote
Proveniência: Arrabalde Ocidental de Silves
Contexto: Interior de silo
Dimensões: Altura 5,8cm; diâmetro corpo 7,4cm; diâmetro bordo 4cm; diâmetro base 4,2cm; espessura 0,4cm
Tecnologia:
Pasta: Rosa
Cozedura: Oxidante
ENP: Finíssimos
Acabamento: Restos de vidrado pouco aderente de cor castanha
Morfologia:
Bordo: Extrovertido
Lábio: Perfil semicircular
Corpo: Globular
Base: Plana
Asas: Duas dispostas verticalmente, sendo uma mais elevada e fechada
Cronologia: Século X (?)
Bibliografia: Inédito
Observações: Convive com candil de asa no interior da chaminé e púcaro com pintura negra

21



Designação: Tinteiro (?)
Proveniência: Almedina de Silves
Dimensões: Altura 3cm; diâmetro máximo 5,5cm; diâmetro bordo 5cm; diâmetro base 4,5cm
Tecnologia:
Pasta: Laranja
Cozedura: Oxidante
ENP: Abundantes de pequena a média dimensão
Morfologia:
Bordo: Extrovertido
Lábio: Em aba
Corpo: Cilíndrico
Cronologia: Islâmica indeterminada
Bibliografia: Inédito
Observações: Vestígios de fogo.
Provável função utilitária

22



Designação: Copo
Proveniência: Almedina de Silves
Dimensões: Altura 3,5cm; diâmetro corpo 5,6cm; diâmetro base 4,6cm; Espessura máxima 0,7cm
Tecnologia:
Pasta: Beije acinzentada
Cozedura: Oxidante
ENP: Abundantes de média dimensão
Morfologia:
Bordo: Extrovertido
Lábio: Arredondado
Corpo: Ovoide
Base: Plana
Asas: Arranque de uma desde a base
Decoração: Pintura vermelha que materializa linhas paralelas verticais preenchidas por pequenas pintas
Cronologia: Século XI?
Bibliografia: Inédito

23



Designação: Taça
Proveniência: Arrabalde Oriental de Silves
Contexto: Indeterminado
Dimensões: Altura 4cm; diâmetro corpo 6,8cm; diâmetro base 5,5cm; espessura 0,3cm
Tecnologia:
Pasta: Laranja
Cozedura: Oxidante
ENP: Grão fino a médio
Acabamento: Aguada laranja
Morfologia:
Bordo: Vertical
Lábio: Arredondado
Corpo: Cilíndrico
Base: Plana
Cronologia: Séculos XII-XIII (?)
Bibliografia: Inédito

24



Designação: Fragmento de Fogareiro (?)
Proveniência: Arrabalde Oriental de Silves
Tecnologia:
Pasta: Cinzenta
Cozedura: Redutora
ENP: Grão fino a médio
Morfologia: Base troncocónica e arranque de corpo com perfurações
Cronologia: Islâmica Indeterminada
Bibliografia: Inédito

25



Designação: Miniatura de Base de talha
Proveniência: Biblioteca Municipal de Mértola.
Contexto: Abandono do Bairro almôada
Dimensões: Diâmetro 13,7 cm; Largura: 11,5 cm
Tecnologia: Pasta branca, com elementos não plásticos de xisto e calcário médios, fabrico a torno rápido e cozedura oxidante.
Morfologia: Boca circular, bordo extrovertido com lábio quadrangular, corpo troncocónico invertido com bico rectangular, fundo plano com base anelar diagonal muito alta.
Decoração: Pingos de vidrado verde.
Cronologia: 1ª metade do século XIII.
Bibliografia: Palma e Gómez, 2010: 711.

26



Designação: Miniatura de Base de Talha
Proveniência: Biblioteca Municipal de Mértola
Contexto: Abandono do Bairro almôada
Dimensões: Diâmetro boca 3,7 cm; Largura: 4,3cm, Altura 5cm
Tecnologia: Pasta branca, com elementos não plásticos de xisto pequenos, fabrico a torno rápido e cozedura oxidante
Morfologia: Boca circular, bordo extrovertido com lábio quadrangular, corpo troncocónico invertido com bico rectangular, fundo plano com base anelar diagonal muito alta
Decoração: Pingos de vidrado verde
Cronologia: primeira metade do século XIII
Bibliografia: Gómez Martínez, 2011: nº 28

27



Designação: Figura antropomórfica (boneco)
Proveniência: Alcáçova de Silves
Contexto: Habitacional
Dimensões:
Altura: 7,9cm; **Largura:** 3cm
Tecnologia:
Pasta: Fina e depurada
Cozedura: Oxidante
ENP: Alguns grão muito fino
Acabamento: Alisado com aguada
Cronologia: Islâmica (séc. XII-XIII)
Bibliografia: Gomes e Gomes, 2001: 125; Gomes, 2003: 407, 408

28



Designação: Figura zoomórfica (cavalinho com arranque de presumível cavaleiro que não se conserva)
Proveniência: Almedina de Silves
Contexto: Enchimento de silo
Dimensões: Altura máxima: 4cm; comprimento máximo: 7cm
Tecnologia:
Pasta: Laranja
Cozedura: Oxidante
ENP: Pequena a média dimensão xistosos e calcários
Cronologia: Islâmica (séc. XI-XII)
Bibliografia: Gonçalves *et alli* (no prelo)

29



Designação: Tambor
Proveniência: Castelo Velho de Alcoutim
Dimensões: Altura: 21,6cm; diâmetro bordo: 14cm
Tecnologia:
Cozedura: oxidante
ENP: médios e grandes
Superfícies: alisadas com engobe e espatulado
Morfologia:
Bordo: Extrovertido
Lábio: Inflexão interna sem ressalto
Campânula: Troncocónica invertida
Corpo: Cilíndrico
Cronologia: Contextos do séc. X/XI
Bibliografia: Catarino, 1997/98: 1126, Est. XL.1

30



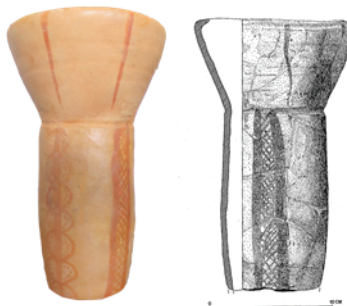
Designação: Tambor
Proveniência: Almedina de Silves
Contexto: Enchimento de Silo
Dimensões: Altura conservada: 17,7cm; diâmetro bordo: 10,8cm
Tecnologia:
Pasta: cor laranja homogénea
Cozedura: oxidante
Morfologia:
Bordo: introvertido
Lábio: semicircular
Campânula: troncocónica invertida; Corpo: cilíndrico
Decoração: pintura branca
 Três composições de reticulado flanqueado por quatro bandas verticais. Banda horizontal a delimitar o corpo da campânula
Cronologia: Século XII
Bibliografia: Gonçalves *et alii*, no prelo

31



Designação: Tambor
Proveniência: Silves - Alcáçova
Dimensões: altura: 22cm; diâmetro bordo: 10cm
Tecnologia:
Pasta: rosada homogénea
Cozedura: oxidante
Morfologia:
Bordo: introvertido
Lábio: semicircular
Campânula: troncocónica invertida
Corpo: cilíndrico
Cronologia: séc. VIII
Decoração: Pintura vermelha/alaranjada. Corpo: composição decorativa constituída por quatro bandas verticais com dois motivos diferentes que alternam. Campânula: traços verticais irregulares na face lateral e, na face superior, motivo floral.
Bordo: linhas entrelaçadas
Bibliografia: Gomes e Gomes, 2001: 52; Gomes 2003: 490, 491

32





Patrocinador oficial